UNIDADE 2

HISTÓRIA SOCIAL DO CONHECIMENTO, DAS BIBLIOTECAS DA BIBLIOTECONOMIA

2.1 OBJETIVO GERAL

Apresentar aspectos da história do conhecimento, das bibliotecas e da Biblioteconomia em suas relações com a sociedade.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Ao final desta unidade, você deverá ser capaz de:

a) explicar por que a História só pode ser entendida e compreendida quando em relação com a sociedade;

b) apresentar os segmentos da história do conhecimento, das bibliotecas e da Biblioteconomia, visando compreender também as interferências sociais nos períodos não estudados;

c) conhecer as interlocuções e articulações históricas entre conhecimento, biblioteca e Biblioteconomia.

2.3 INTRODUÇÃO

O que nasceu primeiro, o ovo ou a galinha? Essa é uma questão muito empregada e divulgada como piada, mas que traz uma indagação muitas vezes não respondida. Há pessoas que nem mesmo se interessam em refletir sobre ela. A pergunta exige que procuremos uma base teórica em outras áreas. Claro que, neste texto, não é de meu interesse respondê-la, mas apenas alertar para o fato de que há várias questões desse tipo em muitos outros segmentos do conhecimento humano.

Na Biblioteconomia nos deparamos com uma questão de igual complexidade e dificuldade de resposta: quem nasceu primeiro, a escrita ou a leitura? Muitos defendem que a escrita nasceu primeiro, pois só podemos ler o que está escrito, afinal como poderíamos ler algo que não foi escrito? No entanto, essa é apenas uma corrente de pensamento e uma forma de tentar elaborar uma resposta apropriada.

Outros defendem que, antes da escrita, líamos sinais, como rastros de animais, nuvens no céu, sons da noite, a natureza, os predadores, os inimigos, etc. Pensando assim, a leitura veio antes da escrita, uma vez que esta só pode ser considerada verdadeira escrita se há uma intencionalidade do "escrevinhador", do autor da escrita. Assim, leitura é apenas aquilo que provém de uma intencionalidade, ela nasce de algo formal e consciente, baseada em regras e normas. Se o leitor não conhece as regras e normas, não consegue decodificar a escrita e, portanto, não terá condições de ler.

Mas não existem apenas essas duas correntes. Alguns vão defender que existe uma escrita inconsciente, ou seja, mesmo que o leitor não consiga entender totalmente a escrita, mesmo que ele não consiga, conscientemente, decodificar os sinais da escrita, ele poderá ler. Por exemplo: quando, no mato, vejo a pegada de um animal, mesmo não sendo especialista, posso não saber a qual animal ele, rastro, pertence, mas posso dizer se é um animal grande ou pequeno, se é muito pesado (se a pegada for muito profunda) etc.

A questão continua: afinal, o que veio antes, a escrita ou a leitura?

A resposta vai depender dos conceitos e ideias sobre escrita e leitura que cada pessoa segue.

Vamos nos deparar, no transcorrer do curso e da vida, com vários conceitos e concepções diferentes, até mesmo antagônicos. Tomamos posições ao lado de uma ou outra dessas concepções, a partir das análises, muitas inconscientes, que nós desenvolvemos. A opção dá-se, na maioria das vezes, com base na proximidade que a concepção escolhida possui com nossos entendimentos e explicações de mundo.

Lembra do evolucionismo e do criacionismo que abordei no início do nosso livro? Pois bem, estamos, neste momento, com uma situação que pede uma posição para cuja resposta não existe certo ou errado. O certo ou errado é relativo aqui e dependerá do modo como cada um entende e explica o mundo.

Às vezes as pessoas pensam a ciência como algo que vai determinar o que é bom ou o que é mau, o que faz bem ou o que faz mal. Em certa medida, isso ocorre, mas tais posições são limitadas a um momento, a uma época, a uma situação, etc. Muito do que no século XX era

aceito como verdadeiro hoje não é mais. Naquela época, lidávamos com uma verdade que podemos denominar de relativa e que atendia ao que conhecíamos. De várias pesquisas, estudos, reflexões, intuições, acasos, modos diferentes de pensar surgiram e muitas daquelas verdades foram contestadas. Eles trouxeram explicações diferenciadas; hoje, pensamos a partir de novas descobertas e entendimentos. Claro que a pergunta que devemos nos fazer é: o que está dado agora é a verdade absoluta? A resposta é não. Pesquisas e estudos não têm fim. Conhecemos coisas hoje que nos dão condições de entender melhor muito do que é desconhecido. Mas a ciência ainda tem muito por descobrir, refletir, se indagar.

As ciências humanas, as ciências sociais, as ciências sociais aplicadas, ao contrário das ciências exatas, não trabalham com verdades, mas com conceitos que são embasados em correntes ou formas de entender o mundo.

Quando você pergunta para alguém quanto é 2 + 2, a resposta se vale de um pressuposto (ver boxe explicativo). Quando você pergunta a alguém qual o nome de um determinado osso do corpo humano, essa pessoa lhe responderá baseada em pesquisas desenvolvidas na área da anatomia do corpo humano e, apesar do nome do osso aparentemente ter sido atribuído de maneira aleatória, o osso será identificado de maneira inequívoca. Mas, se perguntarmos para um amigo por que há tanta violência no mundo, a resposta não pode ser baseada em um pressuposto, nem mesmo se apresentará como algo inquestionável. Ao contrário, haverá muitas respostas, todas elas com base em correntes de pensamento, em formas de entendimento do mundo, enfim, em conceitos.

Explicativo

O que é pressuposto:

Pressuposto significa **algo que se pressupõe**; que se supõe antecipadamente, ou seja, **aquilo que se imagina e pensa sobre determinada coisa ou situação antes mesmo de ter contato ou conhecimento sobre ela**.

Os pressupostos são marcados por advérbios, verbos, orações adjetivas e adjetivos. O pressuposto é um dado apresentado como indiscutível para o falante e o ouvinte, não permitindo contestações.

Pressupostos são ideias não expressas de maneira explícita num discurso, mas que podem ser percebidas a partir de certas palavras ou expressões que foram utilizadas.

Quanto à utilização de pressupostos, eles devem ser sempre verdadeiros ou aceitos como verdadeiros, pois são os responsáveis por construir as informações consideradas explícitas.

Exemplo: "*A atividade de radiodifusão deve respeitar as condições pressupostas na atribuição do alvará para o seu exercício*." [...] (SIGNIFICADOS, 2018).[8]

[8] Disponível em: <https://www.significados.com.br/pressuposto/>. Acesso em: 13 out. 2018.

Afinal, o que veio primeiro, a leitura ou a escrita?

2.4 A LEITURA E A ESCRITA

Antes de iniciarmos a conversa sobre essa questão, preciso deixar registrado que tanto a leitura quanto a escrita não existem isoladamente. Não são coisas estanques, que vivem sozinhas, afastadas do mundo ou em um mundo diferenciado. A leitura e a escrita existem em um contexto que abrange pessoas, que abrange um momento histórico, que abrange uma cultura, etc. Não podemos nos esquecer disso durante toda a nossa disciplina. E isso é muito, muito importante.

Para respondermos ao que veio antes, a leitura ou a escrita, precisamos nos voltar para os conceitos. Mas, como disse anteriormente, os conceitos são aqueles com os quais as pessoas se identificam, estão vinculados às verdades de cada um. Logo, a resposta sobre quem veio primeiro, a leitura ou a escrita, vai estar subordinada aos conceitos que você aceita e, portanto, será totalmente dependente de você. Pense um pouco sobre isso e veja qual é sua posição sobre o tema.

De qualquer forma, vale lembrar que a leitura não está restrita apenas ao texto escrito. Para nós, bibliotecários, isso é por demais importante.

Figura 3 – A leitura é um grande labirinto, quem nela entra sempre se perde.

Fonte: Free Images[9]

Vamos trabalhar com um conceito de leitura mais amplo (que chamamos de conceito *lato*): além do texto escrito, lemos também a imagem fixa, a imagem em movimento e o som.

[9] FREE IMAGES. Svilen Milev. Disponível: <https://www.freeimages.com/photo/3d-maze-5-1208080>. Acesso em: 13 out. 2018.

Mais ainda: lemos o mundo. *Paulo Freire*, um dos mais importantes pensadores da educação no mundo, afirma (eu pensei em escrever "afirmava", pois ele morreu; mas, embora morto, suas ideias continuam influenciando o nosso conhecimento) que antes da leitura do texto escrito, da palavra, já temos uma leitura de mundo, ou seja, já nos relacionamos com o mundo, já questionamos o mundo, já tentamos explicar o que é o mundo, o que é a vida, o que estamos fazendo aqui, etc. Nós lemos o mundo desde que nascemos. Quando lemos um texto, antes, já temos um conhecimento, temos uma ideia do que é o mundo e esse texto vai alterar esse conhecimento, essa ideia. Cada leitura, um novo conhecimento do mundo. A frase muito conhecida de *Paulo Freire* – "A leitura do mundo precede a leitura da palavra" – foi dita por ele na página 11 de um livro dele que para nós, bibliotecários, tem uma grande importância. O livro se chama *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. Ele é importante para nós, porque um dos três artigos que se completam é a reprodução de uma palestra dele proferida no *XI Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação*, ocorrido em 1982, na Paraíba.

A multimídia possui quatro grandes segmentos: o texto escrito, a imagem fixa, a imagem em movimento e o som. Todos os quatro são de interesse da Biblioteconomia (não esqueça, o bibliotecário trabalha com muito mais coisas do que apenas o livro).

A leitura, nesse sentido, pressupõe uma relação da pessoa com o mundo. Ela lê o texto escrito (livros, jornais, revistas, panfletos de publicidade, bulas de remédio, *outdoors*, placas de trânsito, placas de sinalização, placas de lojas, informações pregadas em paredes, informações em *sites* acessados por computadores, *tablets* ou celulares, informações em redes sociais, etc.). Para isso, precisa ser alfabetizada e manter o aprendizado em atividade, caso contrário, ela poderá ser uma analfabeta funcional.

Explicativo

Analfabeto funcional

Quem é analfabeto funcional? Segundo a Unesco: 'uma pessoa funcionalmente analfabeta é aquela que não pode participar de todas as atividades nas quais a alfabetização é requerida para uma atuação eficaz em seu grupo e comunidade, e que lhe permitem, também, continuar usando a leitura, a escrita e o cálculo a serviço de seu próprio desenvolvimento e do desenvolvimento de sua comunidade'.

O analfabeto funcional é diferente do analfabeto pleno. O analfabeto pleno nunca teve nenhum contato sistemático com a leitura, a escrita e o cálculo, nunca frequentou a escola e, por isso, não domina essas habilidades. Pelas últimas sondagens, o Brasil contaria com 8% de analfabetos plenos.

O analfabeto funcional, por seu lado, frequentou a escola, pode até mesmo ter chegado alo final de alguns dos níveis do sistema escolar, pode ter concluído o ensino fundamental, por exemplo, mas não se apoderou plenamente das habilidades da leitura e da escrita (e também do cálculo).

As pesquisas revelam, além disso, que 38% dos estudantes universitários podem ser classificados de analfabetos funcionais.

Da população brasileira, entre 15 e 64 anos, 75% é analfabeta funcional. (BAGNO, 2017, p. 6). [10]

Além do texto escrito, lemos também a imagem fixa (fotografias, pinturas, esculturas, histórias em quadrinhos, desenhos em papel, reálias, desenhos em ambiente virtual, etc.). A escola não nos prepara para a leitura desse segmento da multimídia. Ou aprendemos sozinhos ou fazemos leituras superficiais, sendo esta segunda situação a mais comum. Se você for a uma exposição de quadros, será fácil entender o significado das obras expostas? E se, para piorar, o autor de um dos quadros ou um conhecedor lhe disser que uma determinada obra não é para ser entendida, mas para ser sentida? Difícil entender – ler – tais obras, se não temos competências específicas para isso. Apesar disso, nós lemos e compreendemos com a nossa bagagem de conhecimento, nossa bagagem de experiências, com os nossos referenciais.

Reália – realia ARTE (Do latim *realia*.) objetos, coisas autênticas que existem de fato, como, p. ex.: amostras, artefatos e modelos. Ant.: réplica; espécimes.

Fonte: CUNHA, M. B. da; CAVALCANTI, C. R. de O. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008. p. 451.

Multimídia

A imagem fixa, como vimos, possui uma linguagem própria. No entanto, essa linguagem não é única para todos os itens que a compõem. A linguagem das artes plásticas, de uma pintura, por exemplo, é diferente da linguagem da fotografia. Sobre esta última, assista a aula intitulada *Conceito da Linguagem Fotográfica* no vídeo abaixo:

<https://www.youtube.com/watch?v=SdAszKSc3F4>.

Se quiser assistir mais aulas como essa, inscreva-se no canal da Escola Pública de Fotografia no endereço a seguir:

<https://www.youtube.com/user/sitkongsangFOTO>.

A leitura também se dá na imagem em movimento (filmes, *gifs*, vídeos e, com muita intensidade, corpos das pessoas). A exemplo da imagem fixa, a escola também não nos deu competências e habilidades para lermos as imagens em movimento. Vamos ao cinema e nosso entendimento do filme acaba se restringindo a: "gostei", "não gostei", "legal", "é chato" ou coisas do gênero. Muitas vezes levamos sustos em determinadas cenas, mas não teríamos sido "pegos de surpresa" se conhecêssemos a "construção" do filme, ou seja, os recursos que o diretor utiliza para nos levar ao susto. Se prestarmos atenção à música, nas coisas que são captadas pela câmera, essas coisas, o susto será bem menor. Mas isso depende de um conhecimento anterior nosso da linguagem cinematográfica.

[10] BAGNO, M. Uma escola que produz analfabetos. **Caros Amigos**, v. 21, n. 245, p. 6, julho, 2017.

No parêntese do início do parágrafo anterior, enfatizei a leitura "do corpo." Essa também é um tipo de leitura. Os movimentos, a posição do corpo, o modo de caminhar, olhar, etc nos dão muitas informações sobre a pessoa que estamos observando, sobre o momento que ela está vivendo, a relação dela com um determinado espaço ou com determinadas pessoas, etc. Uma pessoa que entra em uma biblioteca olhando para os lados, procurando por alguma coisa ou por alguém, permanecendo na entrada da sala ou entrando devagar, quase que "passo ante passo", provavelmente é alguém que não conhece a biblioteca, que a está visitando pela primeira vez. Nosso atendimento será diferente daquele prestado a uma pessoa que já conhece e faz uso constante dos espaços da biblioteca. A pessoa que caminha com a cabeça baixa ou que, aparentemente, respira com dificuldade talvez esteja passando por algum problema emocional. A pessoa que não nos olha nos olhos provavelmente é tímida ou está com medo. Esses são exemplos de leitura corporal que fazemos constantemente, embora boa parte das vezes seja de maneira inconsciente. Não custa alertar: nem sempre a leitura é correta. É preciso cuidado nessas nossas interpretações, pois não há verdades científicas nesse tipo de leitura.

Por último, também lemos o som (músicas, discos, ruídos, sons de fundo e a oralidade). O som também é um segmento da multimídia esquecido pela escola. Quando garoto, em minha escola, aprendi muita coisa em aulas de música e canto. Aprendíamos as notas musicais, os tempos, os tipos de ritmos, compassos, claves, etc. Cantávamos músicas apresentadas pelo professor; reconhecíamos nossas "vozes" (soprano, contralto, baixo, entre outras); solfejávamos (líamos, com o auxílio das mãos, as notas nas partituras), enfim, conhecíamos a "linguagem" da música. Com ela, podíamos entender um pouco mais sobre a música em geral e fazíamos comparações entre as canções de que gostávamos. Descobríamos, por exemplo, que as músicas da chamada *Jovem Guarda* possuíam não mais do que dois ou três acordes, muito diferente das músicas da Bossa Nova, da MPB e até mesmo das compostas pelos *Beatles*.

Além das músicas, precisamos nos preocupar com os ruídos, os barulhos, pois vivemos em um mundo em que eles estão por toda a parte e por todo o dia, até mesmo em determinados lugares como as grandes cidades, durante nosso sono. É preciso conviver com eles, saber lidar com eles, reconhecê-los. Isso se dá quando nossa relação com os ruídos é consciente.

Deixei a oralidade para o final, uma vez que muitas pessoas dão pouco valor para ela. A Biblioteconomia, boa parte das vezes, não a considera de interesse, já que ela não pode ser registrada e guardada para posterior recuperação. É verdade: se registrada, a oralidade deixa de ser oralidade e passa a ser outra coisa, como gravação, filme, vídeo, etc. Mas precisamos reconhecer que o conhecimento é transmitido, veiculado, disseminado e até preservado pela oralidade, pela conversa, pelo canto, pela contação de histórias (formais ou não formais – nas bibliotecas, a contação de histórias é formal, pois tem um dia para ser realizada, tem uma pessoa dedicada a isso; já a contação informal é aquela que acontece em casa, na rua, nos espaços públicos, nos restaurantes, nos bares, nos táxis, no salão de cabeleireiro, no barbeiro, nos consultórios médicos, nas filas de bancos, filas de ônibus, com os companheiros, até então não conhecidos, de viagem e em milhares de outros momentos). O *cordel* é um exemplo de oralidade. A história cantada nas feiras é vendida em papel, dentro de determinadas características, mas, de modo geral, as pessoas param para ouvir o cantador, param para acompanhar a história que ele conta. E essas histórias são casos antigos, recentes, históricos, locais, são histórias, verídicas ou não, que em seu canto – e na

cabeça e fala do público – se perpetuam, se disseminam, se mantêm vivas. O registro em papel, o cordel, não representa o canto ouvido, não traduz o momento em que a história ganhou o espaço entre ele, cantador, e o público. Esse é um momento único e não pode ser captado para posterior reprodução, a não ser pelos que estavam presentes naquele momento, pois estes a reproduzem na memória, na lembrança, até mesmo na saudade.

A esses tipos de leitura devemos acrescentar a leitura de mundo, já comentada anteriormente. Não basta ler a escrita, a imagem fixa, a imagem em movimento, o som, se isso não nos levar a ler de forma diferente o mundo; se, a partir dessas leituras, não relermos o mundo.

Como vimos, a leitura não se dá apenas com o texto escrito, e a biblioteca deve se preocupar com todo tipo de leitura, pois todas elas lidam com a informação, e esta é a base de nosso fazer profissional.

2.5 MARCOS HISTÓRICOS

Um alerta inicial: os marcos históricos como datas e acontecimentos não representam, necessariamente, o começo de algo. Eles são usados para facilitar a nossa compreensão, mas quase sempre esses marcos têm sua gênese muito antes. A data de nosso aniversário, por exemplo, é considerada o momento em que começamos a existir, mas, em realidade, fomos gerados, talvez, nove ou oito ou sete meses antes. Posso considerar que minha vida teve seu começo quando meus pais se conheceram, pois, sem que eles se relacionassem, eu não estaria aqui, agora, escrevendo este texto para vocês. Uma data é importante, mas não pode ser entendida como o início, obrigatoriamente, de um período histórico ou de uma era ou de segmentos da história de um país, de uma raça, de uma pessoa.

Outra coisa importante: fiz algumas escolhas relativas a pontos que entendi serem fundamentais na história da Biblioteconomia. Outros pesquisadores podem optar por pontos diferentes. Isso não significa que os dois estejam errados ou que apenas um esteja certo. As escolhas acompanham modos de pensar e entender a Biblioteconomia e, por isso, podem ser diferentes. No entanto, as diferenças não são tão importantes assim.

Um autor que considero importante para discutir a história da biblioteca é *Alfredo Serrai.* Ele escreveu um artigo, curto, de não mais do que 11 páginas, em que defende a ideia de que a história das técnicas empregadas pelas bibliotecas se confunde e, até, determina a história da biblioteca. Mesmo sendo antigo – o artigo foi publicado em 1975, como você pode ver nas referências ao final deste capítulo –, as concepções advogadas por ele são aceitas por boa parte dos pesquisadores, professores e bibliotecários. Os marcos históricos, para ele, se confundem com os vários instrumentos utilizados pelas bibliotecas no transcorrer da existência desse equipamento informacional. Apesar de se poder depreender em seu texto que o aparecimento de novas ferramentas na biblioteca, inclusive algumas utilizadas até hoje, é decorrência de necessidades de um momento histórico definido, Serrai entende que o principal “fazer”, a principal tarefa do bibliotecário, está vinculado ao processamento técnico, ou seja, à catalogação e à classificação.

Tenho um entendimento, assim como outros pesquisadores, diferente em relação a essa concepção. Os instrumentos e ferramentas que são utilizados nas bibliotecas atendem, sim, a necessidades de momentos históricos. No entanto, a organização da informação só deve ser entendida como consequência de demandas por informação. Para que organizar a informação se ninguém dela precisa? Antes da organização vem a demanda, a necessidade por informação e, por esse motivo, as bibliotecas foram construídas e começaram a armazenar, a preservar e a organizar os materiais recolhidos. Nas primeiras bibliotecas (e durante muito, muito tempo) a disseminação da informação, até mesmo o acesso aos materiais (é importante lembrar que os livros como os conhecemos hoje são recentes e outros materiais eram utilizados para preservar o conhecimento humano), era difícil. Se hoje temos um grande número de analfabetos no mundo, imagine como era nos tempos que antecederam Cristo ou mesmo na Idade Média ou até mesmo no início do século XX. O acesso era difícil porque as pessoas eram analfabetas, porque não havia bibliotecas em todos os lugares e porque era proibido, em muitos momentos da História, o acesso à informação (até hoje, se você computar que há bilhões – isso mesmo, bilhões – de pessoas no mundo sem condições de utilizar novas tecnologias).

As bibliotecas não surgem do nada. Como vimos, são fruto de demandas ocorridas em determinados momentos. É possível afirmar que a princípio o interesse pelas bibliotecas estava relacionado mais à preservação do conhecimento de determinados povos e, com isso, com a preservação também da sua cultura. Claro que o conhecimento preservado era o de uma elite, aquela que possuía o poder para determinar a construção de bibliotecas e, também, as condições mínimas para poder usufruir desse conhecimento.

2.5.1 **Nínive**

A primeira biblioteca de que temos indícios de sua existência é a de Nínive, no século VI ou VII a.C. Um autor chamado *Matthew Battles* diz que:

> As bibliotecas da Mesopotâmia chegaram ao apogeu [...] durante o reinado de Assurbanipal II, que governou a Assíria no século VII a.C. Na já então antiga cidade de Nínive, capital do império, ele organizou uma grande biblioteca, que chegou a abrigar 25 mil placas. (BATTLES, 2003, p. 31).

Você, claro, está pensando que as bibliotecas são muito antigas. Fazendo uns cálculos rápidos, a biblioteca existe há mais de 2.700 anos. Realmente antiga. Mas, continuando com o livro daquele autor, *Battles,* há outra afirmação mais surpreendente: “Já no terceiro milênio antes de Cristo, havia um templo na cidade de Nippur, no sudeste do que é hoje o Iraque, com arquivos cheios de placas de argila.” (2003, p. 31).

Se com as informações anteriores a biblioteca já era muito antiga, imagine agora, quando ficamos sabendo que não são 2.700, mas 5.000 anos. O homem sempre precisou do conhecimento, e sua preservação, a do conhecimento, fez parte das preocupações de quase todos os governantes, imperadores, reis e ditadores do mundo.

Em muitas guerras a biblioteca era um objetivo de saque, para destruir a cultura do povo derrotado, ou era exibida como troféu da vitória ou, ainda, utilizada como forma de trazer para seu povo o conhecimento de uma época.

2.5.2 Alexandria

Uma das bibliotecas antigas mais conhecidas é a de Alexandria. Em muitos textos, acadêmicos ou de ficção, essa biblioteca é lembrada e comentada.

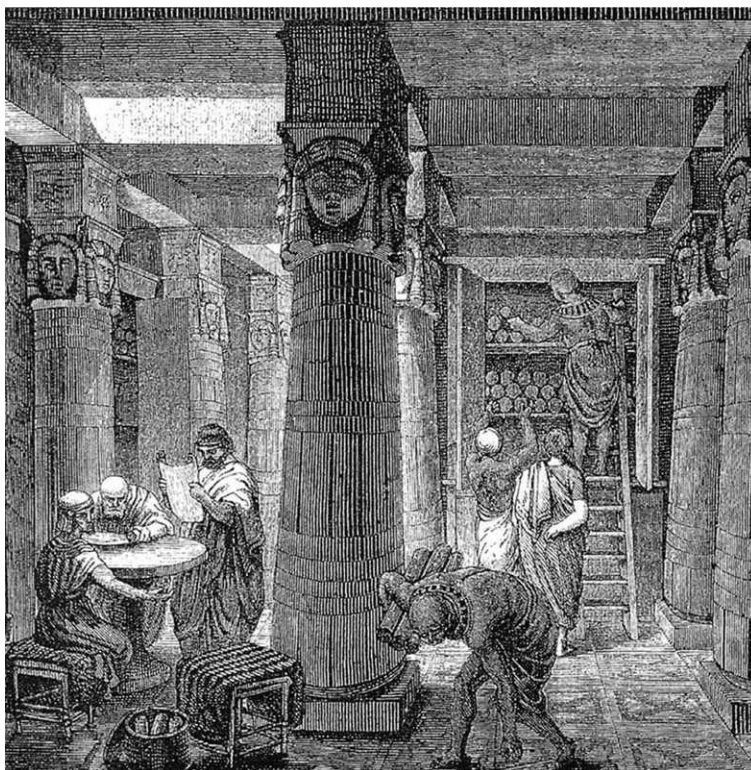
Há pouco tempo foi lançado o começo de uma série de livros que traz um personagem chamado *Alcatraz*. Esse personagem tem como inimigos os *Bibliotecários do Mal*. Já foram publicados dois livros da saga do personagem. O segundo livro tem a Biblioteca de Alexandria como cenário. É nela que se localiza a, digamos, sede dos *Bibliotecários do Mal*.

Multimídia

Para quem tiver interesse, seguem abaixo as referências dos dois livros:

SANDERSON, B. **Alcatraz contra os bibliotecários do mal**. São Paulo: Benvirá, 2010. 288 p.

SANDERSON, B. **Alcatraz contra os ossos do escrivão**. São Paulo: Saraiva, 2011. 287 p.

Figura 4 – Uma ideia do que pode ter sido a antiga Biblioteca de Alexandria.

Fonte: Wikimedia Commons[11]

[11] WIKIMEDIA COMMONS. O. Von Corven. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ancientlibraryalex.jpg>. Acesso em: 13 out. 2018.

É comum considerar Alexandria como uma única e imensa biblioteca. No entanto, eram duas edificações. Vejamos o que um autor já nosso conhecido, *Matthew Battles*, diz sobre essa biblioteca, ou melhor, sobre essas bibliotecas:

> A maior delas foi construída no século III a.C., no interior do Mousein, ou templo de Musas. Sua "irmã" menor foi criada um século depois, no interior do templo de Serápis, deus egípcio helenizado e padroeiro da sincrética Alexandria [...]. Ambas as coleções estavam localizadas no Brucheion, parte da cidade onde ficavam os palácios reais [...] Fora dali, pelos quatro cantos da cidade, era possível encontrar uma grande quantidade de livros. Berço da manufatura do papiro, Alexandria foi o centro do comércio livreiro do Mediterrâneo praticamente desde sua fundação até o terceiro século de nossa era." (2003, p. 29)

Há histórias sobre o fim da biblioteca ou das bibliotecas de Alexandria. Muitas referem-se a um provável incêndio, outras dizem que o califa *Omar* mandou destruir os livros, pois dizia que, se os livros concordavam com o Livro de Deus, eram desnecessários e se discordavam, eram hereges. Segundo essas últimas histórias, os rolos existentes na biblioteca foram usados como combustíveis para alimentar as fornalhas dos banhos públicos da cidade. Porém, *Derek Adie Flower,* outro pesquisador das bibliotecas de Alexandria, acredita que muitos dos rolos não foram queimados em banhos públicos:

> Como raramente há fumaça sem fogo, parte dos livros pode ter sido queimada para aquecer os banhos, mas é duvidoso que entre eles estivessem os inestimáveis manuscritos acumulados nas duas grandes bibliotecas de Alexandria durante aqueles seis séculos em que a cidade atraíra para suas praias sábios de todas as nacionalidades e credos. Essas obras-primas teriam sido guardadas em lugares seguros e enviadas a outros centros. (2002, p. 191)

Certo é que a destruição dessas bibliotecas ocorreu no ano de 642 d.C. e que a construção e a destruição delas estão ligadas a guerras, lutas, interesses econômicos, comerciais e, também, culturais.

A história de Alexandria possui algumas passagens conhecidas pelo público em geral e outras apenas pelos que se interessam pelos livros.

Um desses momentos conhecidos aconteceu em 48 a.C., com *Cleópatra* e *Júlio César.* Este, romano, em uma manobra tática contra os egípcios que o cercaram em Alexandria, manda incendiar seus barcos e os dos egípcios, que consistiam em mais que o dobro da esquadra romana. O fogo queimou todos os barcos e se alastrou pelos armazéns e estaleiros ao redor do porto, queimando papiros guardados lá e, seguindo para "a região do Bruquíon, com seu museu e biblioteca", queimou "grande parte do que constituía a herança do grande centro cultural". (FLOWER, 2002, p. 108)

Há outras histórias, como a de *Calímaco* que, por volta de 270 a.C., foi convidado a ser bibliotecário-chefe de Alexandria pelo faraó *Ptolomeu II*. Calímaco não aceitou o convite, mas fez alguns trabalhos específicos e ficou conhecido:

> [...] por ter catalogado toda a coleção de papiros e códices da biblioteca (estimada num surpreendente total de 500 mil) utilizando Pinakes (Lâminas). Essas eram uma série de 120 livros nos quais as obras eram analisadas e listadas cronologicamente por 'palavras--chave' e 'autor'". (FLOWER, 2002, p. 52)

2.5.3 Idade Média

As bibliotecas, como vimos, preservavam o conhecimento humano. Não era possível depender exclusivamente da oralidade, dos cantos, das histórias, dos "causos" veiculados na época. Reunir os materiais existentes em um único lugar permitia garantir sua preservação. Ou melhor, permitia a tentativa de garantir sua preservação.

Um autor venezuelano, *Fernando Báez*, afirma que a reunião dos livros em um único lugar traz maior possibilidade de preservação, mas também pode causar a destruição dos livros de maneira mais fácil. O livro em que essa afirmação consta é *História universal da destruição dos livros*. Nele, *Báez* conta inúmeros casos de destruição de livros durante a história da humanidade. Você pensa que são poucos esses casos? Ao contrário, há situações em que, corretamente, nos preocupamos mais com as pessoas que morrem ou ficam feridas em catástrofes e nos esquecemos – ou deixamos de lado – a destruição de bibliotecas, arquivos, museus, monumentos, etc. Um terremoto pode matar muita gente, pode derrubar muitas casas e, também, pode destruir bibliotecas, extinguir os livros que elas mantinham. O mesmo se dá com um maremoto ou como consequência de bombas e mísseis em uma guerra. Arquivos foram perdidos quando bombardeados, por engano ou não, em guerras revoluções. Museus ou monumentos históricos foram depredados, destruídos por causa de ataques desferidos por grupos fundamentalistas.

A religião durante o período da Idade Média preservou muitos documentos, mas também impossibilitou que muito conhecimento pudesse ser acessado. Como quase tudo, a Igreja – neste caso, a cristã – também teve e tem seus dois lados: por um, preserva, contribui para a preservação; por outro, impõe censuras, impede o surgimento de muitas ideias. As bibliotecas mantidas pela Igreja durante a Idade Média preservaram aquilo que ela queria preservar, aquilo que era de seu interesse.

Mesmo depois da Idade Média, no século XVI, apenas a título de exemplo, *Carlo Ginzburg*, no livro *O queijo e os vermes*, nos conta a história de um moleiro chamado *Menocchio* que, contrariando a Igreja, afirma que o mundo teve origem na putrefação. A história só pôde ser conhecida porque documentos foram preservados, apesar desse moleiro ter enfrentado a Inquisição.

Ainda dentro desse parêntese, vale lembrar que as bibliotecas mantinham aquilo que, em nosso entendimento de hoje, seriam as novas tecnologias: papiros, tábuas de cera, incunábulos eram correspondentes ao livro como o conhecemos hoje, o *e-book*. Várias foram as formas empregadas para registrar e disseminar o conhecimento. As bibliotecas tiveram que se adaptar a essas formas, sempre acompanhando as invenções que, por sua vez, atendiam a demandas da sociedade.

A influência da Igreja foi enorme nesse período, a ponto de determinar a forma como os livros eram inseridos nas estantes: primeiro, na

concepção da época, o livro mais importante, a Bíblia. Depois, livros relacionados à vida de santos, à Teologia e só após isso os livros ditos "mundanos", ou seja, os relacionados à ciência, etc.

Os livros que faziam parte do acervo das bibliotecas também refletiam o modo de pensar da Igreja. Muitos eram guardados e preservados, mesmo que não acompanhassem o pensamento dos teólogos ou cientistas e pensadores "aprovados" pela Igreja. No entanto, o acesso a esses livros não era permitido a todos. Os bibliotecários determinavam quais as pessoas que poderiam ler os livros desejados. Muitos deles nem eram conhecidos por todos, apenas pelos bibliotecários e por alguns dos pesquisadores.

Um bom exemplo dessa situação é o livro de *Umberto Eco, O Nome da Rosa.* Ele fez um grande sucesso na época em que foi lançado. Mais tarde, com base nele, foi produzido um filme, estrelado por *Sean Connery*. O livro tem sua primeira edição publicada em 1980 e o filme é de 1986.

Multimídia

Sobre o livro, veja comentários neste link:

<https://www.coladaweb.com/resumos/o-nome-da-rosa>.

Para saber mais detalhes sobre o filme e assistir ao trailer dele, acesse o link:

<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-2402/>.

2.5.4 *Gutenberg*

Mudanças vão ocorrer a partir do Renascimento. No final do século XV, mais precisamente em 1440, é inventado, no Ocidente, o tipo móvel que permite a impressão de várias cópias a partir de uma "matriz." Essa invenção foi feita por *Johannes Gutenberg*. Disse que foi inventado no Ocidente, pois esse tipo de impressão já era conhecida na China vários séculos antes.

Para se ter uma ideia da importância dessa invenção, vamos nos valer do que diz *John Man*, autor de um livro sobre *Gutenberg*:

> "Em 1455, todos os livros impressos na Europa poderiam ser carregados em um vagão simples. Cinquenta anos depois, os títulos chegavam a dezenas de milhares, os exemplares, a milhões. Hoje, livros que transbordam das impressoras chegam a bilhões por ano." (2004, p. 14)

O mesmo autor acredita que essa invenção deve ser considerada como uma das mais importantes da área:

> Em um gráfico da comunicação humana nos últimos cinco mil anos, a curva ascendente que vai do

> grunhido ao correio eletrônico não é regular. Tem quatro pontos principais, cada um marcando momentos nos quais a comunicação atingia um novo nível de velocidade e alcance. O primeiro foi a invenção da escrita [...]. O segundo foi a invenção do alfabeto [...]. O quarto [...] é o advento da internet. (2004, p. 11)

O terceiro ponto é a invenção da imprensa com tipos móveis. Para o autor, "a imprensa mudou tudo tão completamente, que é difícil imaginar o mundo sem ela". (2004, p. 11)

Figura 5 – Prensa de tipos móveis de 1811 em exposição em Munique, Alemanha.

Fonte: Wikimedia Commons[12]

Se nos lembrarmos, antes os livros eram copiados, um por um. A partir de *Gutenberg*, as letras eram encaixadas em uma sustentação, formavam-se textos com elas. A tinta era passada sobre as letras e um papel, de tamanho adequado sobre a sustentação das letras. Tudo era colocado em uma prensa (está vendo o porquê do nome "imprensa"?) e, quando esta era solta, uma página impressa estava pronta. Uma nova camada de tinta, um novo papel, o aperto da prensa, o desaperto dela e outra página estava pronta.

[12] WIKIMEDIA COMMONS. Matthias Kabel. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Handtiegelpresse_von_1811.jpg>. Acesso em: 13 out. 2018.

Hoje, pensando nas grandes rotativas de jornais, na impressão acelerada das máquinas copiadoras, etc., isso pode parecer algo por demais vagaroso, mas, para a época, era uma revolução.

Além do mais, os copistas, mesmo sem querer, ou muitas vezes de maneira proposital, interferiam no texto. "À parte a tediosa e lenta produção, os copistas cometiam erros, que se multiplicavam a cada nova cópia, minando a própria ideia da verdade que deveria se espalhar do centro para fora." (MAN, 2004, p. 101)

O nome *Gutenberg* sempre aparece como alguém idealista, em busca de algo que pudesse transformar o mundo. Essa é uma verdade no entanto, o que realmente o motivava era o fator econômico. Ele queria "ganhar dinheiro" com essa invenção, e, claro, a partir de sua inegável inteligência e tino comercial, vislumbrou algo que era demandado pela sociedade da época.

Pensando assim, é fácil entender que a imprensa de tipo móvel não surgiu "do nada", não brotou, não foi produto de geração espontânea, ela aparece como algo demandado pela sociedade e é construída a partir de interesses econômicos.

Sabemos, de fato, que ela revolucionou o acesso aos livros, provavelmente levou a que muitos sentissem a necessidade de se alfabetizar, de se inteirar do conhecimento do homem.

2.5.5 **Informação**

Em um dos textos didáticos de outra disciplina, você irá se aprofundar e saber mais sobre o surgimento da biblioteca pública. Não vou me antecipar, claro, mas vale lembrar que o surgimento dela, como nós a conhecemos hoje, ou seja, totalmente mantida pelo Estado e tendo a sociedade como seu interesse, foco e norte de ações e serviços, surge em 1850. Você também verá que os marcos não representam, verdadeiramente, o início de algo, mas valem como um apontamento e base para estudos.

A biblioteca pública surge no bojo de duas grandes revoluções: a Francesa e a Industrial. Esta última precisava de mão de obra qualificada para as máquinas que produziam as mercadorias. E a primeira exigia igualdade, fraternidade e liberdade. A exigência de igualdade leva à demanda por ensino para todos e, junto a ele, à abertura de bibliotecas.

O final do século XIX traz muitas mudanças na Biblioteconomia, como a edição da *Classificação Decimal de Dewey* (CDD); o catálogo dicionário; o arranjo sistemático; a criação da *American Library Association* (ALA); o primeiro Congresso da ALA; o serviço de referência, etc. Todas essas novidades aparecem a partir da implantação da biblioteca pública, são frutos de um momento de transformação não só da área, mas da sociedade.

As responsabilidades da biblioteca pública podem ser divididas, para efeito de análise e estudo, em quatro grandes segmentos: educacional, cultural, recreacional e informacional. No outro texto didático, esses quatro segmentos serão discutidos, mas vale a pena nos retermos um pouco no último deles, ou seja, o informacional.

Essa responsabilidade, no âmbito da biblioteca pública, começa a aparecer no final dos anos 1960 e começo dos anos 1970. Muitos pesquisadores e estudiosos da área entendem que a Ciência da Informação tem como marco um texto de *Harold Borko* chamado *"Information Science: what is it?"*. Esse texto foi publicado em 1968. Observaram a

data? Ela coincide com as datas relativas ao marco da responsabilidade informacional na biblioteca pública. A Biblioteconomia e a Ciência da Informação dialogam e possuem muitos interesses comuns, têm histórias que podem até se confundir em alguns momentos, mas são distintas. Mesmo assim, neste caso específico, há uma grande coincidência. E essa coincidência é provocada por um momento histórico, por uma demanda informacional, por uma demanda por informação vinda da sociedade.

Em suma, a história das bibliotecas, a da Biblioteconomia e a do conhecimento se confundem, não podem ser separadas ou entendidas de maneira isolada, sob pena de se ter uma visão estreita e limitada não só do passado, mas do que ocorre hoje e das perspectivas da área para o futuro.

As bibliotecas e os bibliotecários não vivem isolados, ao contrário, interagem com o mundo, com as pessoas, com a comunidade onde estão inseridos, com a sociedade. Nessa interação, por vezes são influenciadores e por vezes influenciados.

O mesmo se dá com a Biblioteconomia, também ela não vive como uma área do conhecimento humano isolada, relaciona-se com as outras áreas, sendo influenciada e influenciando. A Biblioteconomia é uma área interdisciplinar, ou seja, depende de outras para se construir, ao mesmo tempo que colabora com suas teorias e práticas para a construção e desenvolvimento dessas outras áreas.

Nós dialogamos com o mundo. Não só lemos o mundo, mas escrevemos a todo momento. Deixamos marcas escritas no mundo. Nosso diálogo pressupõe duas direções: a influência do mundo sobre nós e a nossa influência sobre ele.

Somos objeto e sujeito do mundo. Estou tentando dizer que objeto e sujeito estão sempre em relação, se mesclando, interagindo. Eles dialogam, conversam. O objeto é mais importante e define o sujeito? O sujeito é mais importante e define o objeto? Essa discussão é tão antiga quanto a filosofia. Muitos defendem que a realidade determina o sujeito. Outros, ao contrário, entendem que o sujeito é quem, de fato, existe, condicionando a realidade. Eu sigo a concepção de que o objeto e o sujeito se constroem, não sendo um superior ao outro.

Construímos nosso conhecimento, mas sempre na relação, sempre no diálogo. O conhecimento é produto de uma ação individual e coletiva ao mesmo tempo.

Somos produto de tudo o que já passou no mundo. Não somos sujeitos só do presente, mas do passado. E mais: estamos construindo e interferindo no futuro.

O conhecimento não está apenas nos livros, nos registros formais: ele está em cada ação do homem, em cada ação minha, em cada ação sua. Contribuímos, de forma mais ou menos intensa, para construção do conhecimento da humanidade.

2.6 PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO SOCIAL DOS REGISTROS DO CONHECIMENTO

Existe uma história do homem e uma história do conhecimento, separadas? Eu afirmo para vocês que não. Por quê? A história do conhecimento se mistura, se mescla com a história do homem. Elas não existem separadas, são dependentes uma da outra.

Por exemplo: um ser humano, vivendo na Idade Média, poderia "inventar" uma nave espacial? Alguém teria condições, naquela época, de pensar em um automóvel? Nem mesmo na Revolução Industrial estávamos ainda, não é mesmo?

Seria impossível inventar algo que necessitaria de conhecimentos que ainda não existiam.

Viagem à Lua, escafandros e submarinos foram antecipados pelo gênio de *Julio Verne* nas obras de ficção que ele escreveu. Mesmo assim, esse autor viveu no século XIX. Acho que você talvez tenha lido algum livro dele, como *Vinte mil léguas submarinas, Viagem ao centro da Terra, A volta ao mundo em 80 dias, Os filhos do capitão Grant,* entre outros. Hoje as ideias dele não têm tanto impacto, porque convivemos com muitas das coisas que ele idealizava na época em que viveu, mas imagine alguém falando de viagem à Lua em 1860, 1870? As pessoas achavam um absurdo e toleravam porque se tratava de uma obra de ficção científica e não de uma obra científica.

A história do conhecimento, como eu dizia acima, se mescla com a história do ser humano.

Os suportes de informação e de conhecimento, a exemplo do que discutimos anteriormente, sofrem mudanças e transformações de acordo com as mudanças e transformações sofridas historicamente e ao longo do tempo, pela sociedade.

Livros ou suportes antigos trazem as ideias e concepções que circulavam na época. Muitas dessas ideias devem ter se perdido, pois seus suportes se perderam. Sabemos de muitos livros que foram escritos e que desapareceram: queimados, roubados, intencionalmente descartados etc. Outros desses suportes tiveram seus conteúdos alterados ou apenas partes deles chegaram até nós.

Como dizia, o conteúdo dos livros reflete o que se vivia no momento em que foi registrado. Um grande filósofo que você certamente conhece, *Aristóteles*, entendia e defendia a escravidão. Como um filósofo pode defender algo assim? Todo filósofo, todos os que pensam o mundo, mesmo os que estão além de seu tempo, não escapam dele.

Outros autores, incluindo os de ficção, apresentavam o que se vivia em seu tempo. Há muito que vivemos em um sistema patriarcal. A história nos conta isso e o sabemos porque livros de autores antigos nos contam. Como era o dia a dia dos que viviam no século XIX, ou no

século XX? Minha mãe, por exemplo, não trabalhava, cuidava de nossa casa. Na época em que nasci, na década de 1950, muitas mulheres não trabalhavam "fora" (como se dizia), dedicando suas vidas a cuidar dos maridos e filhos. Hoje, o número de mulheres que se dedicam apenas às tarefas domésticas é muito menor do que no período da minha infância. E aquelas mulheres não tinham simplesmente uma escolha, uma opção de vida, mas eram preparadas, dependendo da classe social em que nasceram, para essas tarefas. A escolha não era uma mera opção, dependia de vários aspectos. O próprio marido havia sido educado para ser o provedor do lar, a pessoa que deveria sustentar a família. Vivíamos, e ainda vivemos, como disse acima, em um patriarcado.

A história nos conta que já vivemos tipos de constituição de família diferentes dos de hoje. Há um autor chamado *Friedrich Engels* (que escrevia com outro autor chamado *Karl Marx*) que publicou um livro, desta vez sozinho, chamado *A origem da família, da propriedade privada e do estado*. Para quem quiser conhecer um pouco mais sobre o assunto, vale a pena ler esse livro.

O surgimento do livro muda as formas de suporte da escrita. O livro não existe desde sempre. Antes dele, muitas outras formas foram usadas pelo homem para registrar seus momentos, o ambiente em que vivia, seus sentimentos, suas angústias, em suma, sua história. Todos sabem que as cavernas se transformaram em locais em que o homem, utilizando como escrita o desenho e a pintura, registrou o que entendeu importante legar para os que viessem posteriormente.

O livro e a imprensa de tipos móveis possibilitaram a produção e distribuição de grandes quantidades de exemplares de uma mesma obra, se contrapondo à produção individual e única realizada pelos copistas. A partir do livro como o entendemos hoje, o acesso ao conhecimento foi ampliado e houve uma diminuição, embora não tão grande quanto gostaríamos que fosse, da elitização do conhecimento.

Para que o livro pudesse de fato se concretizar como suporte da escrita, foi preciso que, anteriormente, surgisse o papel. O papel é o mesmo de quando surgiu? É evidente que não. Os livros antigos tinham um tipo de papel que permitia uma maior durabilidade, ao contrário dos de hoje, que tendem a se deteriorar com maior rapidez ou, para ser menos enfático, que têm uma vida útil menor do que os livros antigos.

O papel continua a se modificar. Fala-se hoje no superpapel.

Multimídia

Na *internet* você pode encontrar muitas informações sobre esse super papel. Recomendo um texto curto e bastante informativo, de autoria de *Valéria Gauz*, sobre o tema:

<http://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=1039>.

Fonte: GAUZ, V. O super papel. 09 de fevereiro de 2017. In: ALMEIDA JÚNIOR, O. F. **Infohome** [Internet]. Marília: OFAJ, 2017.

Antes e concomitantemente ao livro, a transmissão do conhecimento dava-se de maneira oral. A oralidade ainda hoje é um suporte de divulgação do conhecimento, embora muitos nos querem fazer crer que esse tipo de veiculação é tão somente vinculado às classes populares, aos saberes populares e, portanto, "menor" do que o saber da ciência, este gravado em suportes que resistem ao tempo e perenizam o que se quer preservar.

Figura 6 – O cordel mescla texto e oralidade.

Fonte: Wikimedia Commons [13]

Com o surgimento dos computadores, mudam também as formas de suporte da escrita. A inclusão dos vários segmentos da multimídia só é possível quando usamos os suportes eletrônicos.

O teatro possibilitou a junção de vários segmentos da multimídia: o texto escrito – criado por um dramaturgo –, a oralidade – os atores representam a peça teatral se utilizando, na imensa maioria dos casos, da voz –, a imagem fixa – os cenários, mobiliários, vestimentas, etc. –, a imagem em movimento – o gestual e a comunicação corporal dos atores, tudo isso se mescla na composição da peça teatral. No entanto, ela ocorre em um momento, não podendo ser registrada, sob pena de se transformar em outra coisa (vídeo, filme, foto, etc.).

Os computadores, em especial com o advento da "web", permitiram que esses segmentos da multimídia pudessem interagir em um único produto e, se o produtor desejasse, esse produto poderia ser reproduzido inúmeras vezes. A recuperação estava possibilitada.

Os registros continuam se modificando. Com os celulares, acredito que a oralidade está ganhando um novo espaço como veículo transmissor de informação, conhecimento, comunicação e entretenimento. As pessoas carregam os celulares consigo em todos os lugares que frequentam e, o mais importante, para o bem ou para o mal, fazem uso dele de maneira constante e incansável. O celular permite que as pessoas falem entre si, que comuniquem fatos e acontecimentos importantes, mas também que

[13] WIKIMEDIA COMMONS. Diego Dacal. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Literatura_de_cordel.jpg>. Acesso em: 13 out. 2018.

falem amenidades, às vezes apenas para poder ouvir a voz do outro, de um amigo, parente etc., ou mesmo apenas para quebrar um pouco da solidão, marca do nosso tempo. Mas, além de falar, a pessoa pode ler um livro, pode se atualizar acessando notícias, pode matar curiosidades via sites de busca, pode matar o tempo com jogos de entretenimento. Em qualquer lugar, não importa a distância ou o tempo, o dono de um celular, de um computador, de um *tablet* pode entrar nas redes sociais e ter notícias de amigos e parentes; pode acessar vídeos e imagens; pode se posicionar em relação a ideias de outros ou a posturas em relação aos costumes, à política, à economia etc. Por outro lado, o celular nos impede de "ver" o mundo que está à nossa volta, nos impede de interagir com esse mundo. Nossos contatos são cada vez mais virtuais.

A nossa solidão sempre contou com a informação e o conhecimento como forma de amenizá-la. E eles, informação e conhecimento, estão presentes entre as nossas necessidades principais, tanto em adquiri-los como em disseminá-los. O homem vive a angústia da procura do conhecimento, mesmo sabendo que nunca o conseguirá, por inteiro. Assim como o homem, o conhecimento é inacabado, é algo em construção, é um processo sem fim.

2.6.1 **Atividade**

Das bibliotecas elencadas nesta aula, escolha uma delas e faça uma pesquisa buscando mais informações sobre o seu início e construção, em suma, sua história.

Resposta comentada

A proposta do exercício era a de levá-lo a fazer uma pequena pesquisa. Isso o tornará mais autônomo no manuseio de fontes de informação. Em uma outra disciplina você estudará mais sobre isso.

De qualquer forma, você viu como é fácil encontrar informações sobre qualquer coisa que lhe interesse.

2.6.2 **Atividade**

Assista ao filme *O nome da Rosa*. Você facilmente o encontrará. Preste atenção em como era a biblioteca e depois responda: Como os monges tinham acesso aos livros da biblioteca? Por que o bibliotecário-chefe escondia livros?

Resposta comentada

A biblioteca tratada no filme ficava num mosteiro beneditino, na Itália medieval, e guardava obras importantes da sabedoria gre-

ga e latina. Apenas alguns monges tinham acesso aos livros da biblioteca, que ficava sob controle do bibliotecário-chefe.

Este não era apenas o guardião, mas era também quem determinava o que os outros monges poderiam ler. Alguns livros eram proibidos pela Igreja, mas, exercendo seu poder, o próprio bibliotecário-chefe determinava a proibição de outros, baseado apenas em seus interesses e entendimentos.

Dentre os livros que escondia, um deles estava envenenado e poderia ajudar a desvendar os assassinatos misteriosos ocorridos naquele mosteiro.

2.7 RESUMO

As histórias das bibliotecas, da Biblioteconomia e do conhecimento se integram, não podendo ser analisada e "contada" de maneira isolada. Cada momento dessa história se constrói a partir das relações sociais, das exigências e demandas da sociedade.

A própria escrita se confunde com a leitura, e determinar quem "nasceu" primeiro apresenta-se como algo difícil e talvez impossível. Desde Nínive, considerada por muitos – e até agora – a primeira biblioteca, passando pelas bibliotecas romanas, as existentes na Idade Média, incluindo a invenção de *Gutenberg,* a responsabilidade informacional das bibliotecas e o estágio atual delas, em cada um desses marcos um momento histórico esteve relacionado a esses eventos.

A biblioteca, a Biblioteconomia, o conhecimento, seus registros e nós mesmos não existimos sozinhos, isolados. Somos produtos da relação; nos construímos na relação; somos dependentes da relação e dos outros.